

O QUE NOS ENSINA A JOVEM HOMOSSEXUAL DE FREUD SOBRE O QUE É SER UMA ADOLESCENTE?¹

*Okba Natahi**

*Olivier Douville***

Versão: Cynthia De Paoli e Catarina Coelho dos Santos

RESUMO

A partir do texto de Freud, “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, de 1920, os autores apontam uma forma particular de as adolescentes lidarem com a diferença sexual em sua busca da feminilidade. Os autores discutem, passo a passo, as teses de Freud, acrescentando comentários feitos por Lacan e contribuições originais. O amor cortês surge como forma feminina de amar.

Palavras-chave: amor cortês; adolescência; feminino; homossexualidade; sublimação.

ABSTRACT

WHAT CAN FREUD'S YOUNG FEMALE HOMOSEXUAL TEACH US ABOUT WHAT IT IS LIKE TO BE AN ADOLESCENT?

This article analyzes one of Freud's most important works. In a theoretical-clinical paper, having homosexuality in women as the main focus,

* Psicólogo Clínico; Psicanalista EPS de Maison-Blanche; Professor da Universidade Paris VII.

** Psicólogo Clínico; Psicanalista EPS de Ville-Evrard; Diretor de publicação de Psychologie Clinique; Mestre de Conferências em Psicologia Clínica, Universidade Paris X e Paris VII, Laboratório CRPM, Paris VII.

the authors bring us an original understanding of adolescence, going through Lacan's theories developed in The Seminar, Book 4, The relation of object. Love seems the way Freud's patient took to get into the mystery of femininity.

Keywords: court love; adolescence; femininity; homosexuality; sublimation.

Três questões clínicas que reencontramos nos dias de hoje com os adolescentes nos motivaram a reler e comentar o caso de Freud “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”, de 1910 (1969), por acreditarmos tratar-se de um testemunho clínico sobre a questão fantasmática de uma adolescente. No título do estudo de Freud a palavra *gênese* indica um caminho: procurar o que leva aquela jovem a reapropriar-se de sua condição desejante.

Em primeiro lugar, constatamos a frequência junto aos adolescentes de uma interrogação em relação ao seu posicionamento sexual, assim como o valor das atuações homossexuais enquanto uma passagem lógica na elaboração de uma identidade sexual. A adolescência pode ser considerada como um tempo lógico, e não somente cronológico, de pesquisa frente à bissexualidade inerente à sexualidade humana. Trata-se, para o jovem, de se situar socialmente como um homem ou como uma mulher, mas também de reconhecer que a divisão dos sexos não está relacionada diretamente à evidência da realidade biológica. A aproximação do próprio corpo sexuado de outro será uma etapa importante da sexuação na adolescência, seguida sempre de angústia. Na medida em que a sexualidade não é estritamente determinada pela realidade biológica do corpo, mas também pelo campo da linguagem e de seus efeitos, cada sujeito encontra sua forma de reger, com axiomas, sua sexualidade inconsciente no momento em que descobre a valência simbólica do *fallus*. Etapa difícil, não apenas de júbilo, na qual o enquadramento que possibilita o gozo fálico pode ser percebido como estupidez extrema. De repente, na adolescência, o corpo enlouquece, ganhando um valor inédito: é o lugar-tenente da mascarada fálica e/ou o vazio frente ao desejo do Outro.

Isso pode explicar por que alguns adolescentes temem ser vistos como homossexuais, na medida em que procuram uma sexualização no olhar do outro, que deverá ser provocado e interrogado por meio de atuações. No caso da jovem homossexual, Freud aponta o quanto era importante para essa jovem exibir sua ligação com a Dama nas vizinhanças de seus familiares e das pessoas que lhe eram próximas. Entretanto, nos parece que faltou a Freud distinguir o que é uma fetichização temporária do erógeno no reencontro do corpo e do objeto na adolescência e a constituição da estrutura perversa. Numerosos são os adolescentes que flertam com as condutas perversas. Como entender esses *actings*? Devemos ressaltar que tais condutas agem sobre o sintoma, conduzindo o sujeito em direção à travessia da fantasia. O fantasma coordena dois elementos heterogêneos, o sujeito e o objeto; o sujeito como dividido, o objeto como perdido. O adolescente visa subverter a bipartição clássica desses dois termos heterogêneos: a divisão do sujeito e o Outro evanescente. Por não redutível a uma formação do inconsciente, esse fantasma fundamental não poderá ser interpretado, mas decifrado.

Enfim, se consideramos que o fantasma é o que rege o sujeito na sua relação com os outros, devemos estar atentos às mudanças do fantasma na adolescência. O fantasma é aquilo pelo qual o sujeito se sustenta e a adolescência se caracteriza pela verificação do que pode ser encenado do fantasma frente ao sexual e ao gozo. Nossa hipótese é fazer equivaler a adolescência com o momento de atualização do fantasma a partir da confrontação do sujeito com a realidade sexual, na realização das escolhas dos objetos fantasmáticos. Analisar este caso da clínica freudiana é nos colocarmos frente ao desafio que é a teorização da adolescência e seus destinos. Pretendemos demonstrar esse aspecto tão particular que a jovem tratada por Freud nos traz como ilustração.

O texto data de 1920, isto é, foi escrito um ano depois de “Uma criança é espancada” (Freud, [1919] 1969) e precisamente alguns anos antes da criação da segunda tópica freudiana. Nesse ano, Freud havia sido nomeado professor titular da Faculdade de Medi-

cina da Universidade de Viena e experimentavam-se grandes debates sobre terapia, sua técnica e seus métodos que marcariam o quinto congresso da IPA, em Haia, sob a presidência de Ernest Jones.

Esse artigo é o único testemunho de cura de homossexualidade feminina feito por Freud, podendo parecer à primeira vista bastante desdobrado, pois ele alterna, paralelamente à narrativa da cura, as considerações sobre a técnica psicanalítica da adolescência. Outra dificuldade encontrada à época foram as discussões moralistas e médicas sobre a etiologia da homossexualidade.

O texto de 1920 é de extrema riqueza, apesar de um pouco dispersivo quanto às informações da anamnese da jovem, refletindo as intuições do mestre e sua sensibilidade aos rumos da cura, ainda que como simples apontamentos. Numa primeira leitura, tem-se o sentimento de que Freud não soube bem como construir o texto. Esse caso, no qual não percebemos ter ele alcançado a “cura”, é paradoxalmente a ocasião em que Freud se aperfeiçoa no campo da técnica psicanalítica e das ambições terapêuticas ao afirmar que a homossexualidade não tem contra-indicação alguma ao tratamento analítico, pois ela, em si mesma, não constitui uma indicação para análise. Freud apreende, a partir desse semifracasso, a idéia de um inconsciente susceptível de subterfúgios e enganoso na transferência. É verdade que nesse artigo Freud apresenta de forma clara o que seria demanda de análise, buscando atingir médicos e jovens psicanalistas, já numerosos, que teriam uma má compreensão tanto do funcionamento do inconsciente quanto sobre a condução das curas.

A jovem homossexual, uma adolescente de 18 anos que nunca teve seu nome revelado por Freud, era notável por sua beleza, estilo e inteligência. Ela pertencia a uma família conhecida e respeitada em Viena e era a única filha entre quatro filhos. Pela corte que fez à Dama, uma mundana, aos dez anos de idade, ela inquietou e chocou a família e a todos. É verdade que a Dama que cristaliza sua inclinação amorosa não se parece com ela e não se enquadra nos valores morais da boa sociedade vienense, tendo, na verdade, escasas virtudes. Pelo pouco que Freud nos transmitiu, a Dama entreti-

nha-se com amantes de ocasião, mas não desprezava os prazeres do amor com uma amiga casada a quem havia abrigado em casa.

O pai da paciente é um homem de caráter bastante firme, respeitável e empenhado na educação rigorosa dos filhos, entretanto mostra-se pródigo nos cuidados com sua mulher e manifesta um distanciamento em relação à filha, não a escutando. Esta atitude para com a jovem também se repete com a mãe, o que contrasta com a ternura que demonstra em relação aos outros três filhos. A mãe, pessoa difícil de se abordar, segundo Freud, ficará na sombra de seus comentários. Nós sabemos, contudo, que a mãe, bela assim como a filha, gostava de seduzir. Enquanto o pai ficava enraivecido pela ligação pública de sua filha com a *cocotte* (assim Freud chamava a Dama), a mãe se mostrava tolerante de início. Parecia ter sido confiante dos amores da filha e aceitaria esta relação amorosa se ela tivesse permanecido secreta. Assim, havia uma oscilação hostil em sua posição frente às freqüentes exhibições amorosas da filha. Freud não tinha dúvidas de que a mãe era neurótica.

Freud insiste sobre o fato de que a jovem não contesta nem os bem-fundados rumores e difamações de que sua amada é alvo, nem a realidade do laço que tece com ela, em que nenhuma advertência ou interdição teria força para fazê-la questionar essa relação. Logo a Dama se torna rapidamente o pólo exclusivo de suas atenções e de seus investimentos, anteriormente esparsos. É a exclusividade desse laço que constitui uma surpresa, pois, nos anos anteriores, a jovem havia mostrado um interesse terno por outras mulheres, o que já irritava seu pai. Devemos ressaltar o fato de que a Dama eleita se distinguia das outras mulheres com as quais a jovem procurava proximidade até aquele momento: estas eram mulheres mais velhas, de 30 a 35 anos, todas mães, que havia conhecido em companhia dos filhos.

Ao reencontrar Freud, o sistema de relações femininas dessa paciente se decompõe, de uma forma precisa, em dois estágios. Ao zênite brilha a Dama, estrela polar do sistema, pois as outras jovens ficavam sempre reduzidas ao papel excitante de confidentes ou de

cúmplices. Uma configuração como essa não é a que percebemos nos “padrões sexuais da histérica”, que dão à identificação histérica um enquadre de suas manifestações, a partir do que Freud ([1900] 1969) estabeleceu, depois da análise do “sonho da bela açougueira”, que elas gravitam em torno da identificação à outra mulher, na medida em que esta seja sua rival, o que é indispensável que ocorra. Ou, no caso dessa jovem, nós reencontraremos uma versão feminina da organização sentimental que poderia prefigurar a pressão masculina homossexual organizada em torno de um líder e dos semelhantes, um tipo de laço social que, um ano mais tarde, Freud ([1921] 1969) iria esquematizar.

Presas da Outra, a jovem “negligencia sua própria reputação”; sacrifica seu pudor ao objeto de paixão. Devemos nos interrogar sobre sua demanda ao atualizar a posição de espera tão própria ao sujeito como atividade egóica: ela procura a Dama, lhe envia flores, buscando tanto segui-la quanto precedê-la. Chegando a esse ponto, Freud ressalta uma contradição: opõe a franqueza excessiva das condutas amorosas aos subterfúgios e dissimulações pelos quais a jovem tenta se reaproximar da Dama. Mas qual é a contradição se o que essa jovem faz é se inscrever na dinâmica da mentira e da problemática correlativa, a confissão? A contradição que Freud designa aqui tem pouco a ver com a divisão subjetiva inerente à posição feminina da jovem. Todo o arsenal de estratégias de que lança mão para conseguir se encontrar com a amada deveria ser escamoteado e define uma dinâmica da conduta amorosa, mas não necessariamente um conflito psíquico: nada leva a crer que essas estratégias se passem de forma inconsciente.

Acreditamos que podemos considerar que o que deve ser oferecido ao olhar do outro é a conjugação com o objeto. O movimento que precede esse acasalamento deve ser dissimulado e é aí que a jovem dá, no seio da comunidade feminina, consistência à intriga. O desafio era para ela um passo necessário e freqüente, uma forma obrigatória de apresentar sua ligação amorosa. A repetição desse ato representava o próprio questionamento acerca de sua identidade se-

xual, ela experimenta uma dinâmica identificatória muito próxima das utilizadas por inúmeros adolescentes nos dias de hoje: inventa uma modalidade fantasmática que lhe permite sustentar-se frente ao sexual.

A demonstração feita pela jovem trouxe conseqüências. O pai da jovem, que conhecia de vista a Dama de má reputação, ao cruzar com as duas juntas, lança a esse casal escandaloso um olhar reprovador que afeta a ambas. À interlocução de sua amada, a jovem confessa que o desconhecido de olhar furioso era seu pai, o que a Dama ignorava. Nessa ocasião, a Dama decide colocar um fim imediato e total à relação com a jovem. Assim, a jovem, ao se desprender do braço da amada, se precipita no vazio, basculando em um parapeito sobre as vias e trilhos de uma pequena estrada de ferro.

A cura psicanalítica começa seis meses depois desse acontecimento. A adolescente estava refeita dos seus ferimentos – foram muito sérios, mas não deixaram seqüelas físicas. Esse grave gesto sempre foi considerado por Freud uma verdadeira tentativa de suicídio. Podemos destacar que, tenha sido uma tentativa de suicídio ou não, esse gesto deslocou os parentes e a Dama da posição de condenação que haviam adotado. A partir de então, a presença do pai não se reduzia à onipotência de um olhar furioso e a atitude da Dama não era mais apenas arrogância, voltara a ser atenciosa. O pai, por sua vez, entrega sua filha a Freud para que a tratasse, o que constituiu uma atitude corajosa para a época. Ele não sabia que essas exortações moralizantes não iam de encontro ao ponto nodal do problema, mas não se resignava em ver se desenvolver esse laço homossexual. Podemos dizer que, acreditando que sua filha fosse homossexual, ele se dirigia à psicanálise na esperança de que uma cura pudesse sanar a “inversão” de sua filha, pois estava resolvido a combatê-la de todas as formas. Freud acrescenta que se a psicanálise não satisfizesse seus anseios esse pai teria ainda uma última arma: um casamento rápido com um jovem sadio e reprodutor potencial, devidamente escolhido para sua filha.

Freud não partilhava essa ilusão. Recusando-se a identificar a conduta homossexual com perversão, Freud afirmava que a cura

analítica não devia ser fundamentada sobre os ideais da demanda social ou familiar, pois esses ideais repousam sobre a ficção de uma normalidade sexual, sem pré-história infantil ou perversa. O que os psicanalistas descobrem (ou redescobrem) da sexualidade normal é que ela se apóia numa restrição de escolha do objeto, e não sobre um desenvolvimento que acontece sem impactos, em direção à completude.

O que se pode alcançar na cura da homossexualidade? Essa questão não teve sentido ontem, nem tem hoje. Freud precaveu os psicanalistas frente à crença de que uma cura pudesse conseguir a reversão da homossexualidade em heterossexualidade. Assim, a forma pela qual a jovem progride em sua questão identitária, apresentando claramente a passagem de uma organização sentimental e sexual a uma outra, não corresponde a um sintoma a ser retificado em análise. De todas as formas, Freud indica que, para um analista, escutar um (ou uma) homossexual falar de sua vida sexual não é nada mais que escutar o desejo inconsciente do paciente. E no que diz respeito à sua jovem paciente, ainda que a natureza “congénita” da homossexualidade não seja excluída, Freud pensa que se trata de uma homossexualidade adquirida. Ele passa a associar os fatores inatos e os fatores adquiridos. Os primeiros, que ele considera difíceis de objetivar e avaliar, dizem respeito à bissexualidade humana e a um conjunto de fatores em nome dos quais existe uma precocidade sexual espontânea. Mas conclui que é a partir da história do paciente que surgem os fatores eventuais ou acidentais, e é daí que são extraídas suas teses psicanalíticas sobre a gênese das perversões sexuais e surge a escolha do oportuno termo psicogênese, que supõe, para a jovem, o seguinte desenvolvimento:

– a sexualidade infantil encontrara uma solução edipiana normal apesar de marcada por uma fixação à mãe. Esta tendência homossexual recalcada se expressara na puberdade, no período de maior imprecisão sobre o sexo do objeto amoroso.

– a decepção produzida pela expressão do desejo e da potência paterna em dar uma criança à mãe ganha valor traumático. Como

conseqüência, a organização libidinal da jovem regride a uma atitude infantil que se constituiria em um complexo viril encenado na erotização do campo escópico. Para Freud, diferentes indícios o fizeram pensar que ela experimentava anteriormente prazer no voyeurismo e no exibicionismo.

– enfim, a jovem adota uma posição masculina com a escolha de um objeto homossexual, como veremos mais à frente.

A partir de então, Freud considera a perversão e a homossexualidade como posições subjetivas mais referidas aos avatares da história edípica do que como estruturas clínicas. Antes de fazer as articulações mais importantes sobre o tratamento da jovem, Freud se divide, se precavendo frente à origem da demanda: o que não fosse identificado aos ideais paternos seria comandado por um terceiro, sem muitas ilusões. Freud, buscando seguir os circuitos contidos na demanda, desenha uma topografia do que deveriam ser as preliminares de um tratamento até o engajamento na cura psicanalítica. Nesse momento, ele ironiza a proposição de cura demandada por um terceiro, afirmando que se chega, quase sempre, justo ao contrário do que os outros esperavam.

As duas razões que ele aponta (o objetivo da cura não pode ser retificar a escolha da tendência sexual e um tratamento demandado por um outro é, no mínimo, difícil de manejar) explicam a circunspeção e prudência que marcam sua abordagem do caso. Está claro que Freud não considera essa jovem uma neurótica, pois ela não apresenta conflito neurótico, não sofre por razões internas. Para Freud, a paciente atravessou o complexo de Édipo feminino em posição normal, tendo deslocado uma fixação ao pai para um laço de ternura com seu irmão mais novo. E, além disso, ela não se interroga sobre seu estado, nem quer renunciar à homossexualidade. Ela não dá a Freud a possibilidade de observar sintomas histéricos, o que ele não deixa de lamentar ao ver obstruída a possibilidade de ter acesso à história infantil da jovem paciente.

O tratamento vai ser interrompido no momento intermediário entre os estágios preliminares e a cura propriamente dita, no

momento preciso em que a colocação da jovem frente à sua própria demanda pode se desgarrar da demanda paterna. Nós estamos agora depois do início da segunda fase. Isto é muito importante no que diz respeito à direção da cura, pois, se seguirmos corretamente Freud, a passagem da primeira para a segunda fase não se resume a uma modalidade técnica de mudança de enquadre, mas a uma mudança de posição subjetiva, pela qual o sujeito, frente ao surgimento do irreduzível e singular de sua própria demanda, permite, ou não, que a neurose de transferência se estabeleça. É, então, no momento em que poderia começar a análise, que essa é interrompida, o que leva Freud a interrogar-se acerca da satisfação pulsional alcançada nessa paixão pelo objeto. O prazer que teve essa paciente em suas ligações com as outras mulheres se limitou a beijos e outros passatempos que não ultrapassavam os limites da castidade genital, permitindo que proclamasse a natureza pura de seu amor. Contudo, o amor endereçado à Dama sofrerá uma potente rejeição, levando ao acidente de cunho suicida. De fato, a Dama, que estabelecia laços homossexuais, não cessava de desencorajar a jovem de sua inclinação manifestada pelas mulheres. Poderíamos então dizer que a Dama não correspondia à demanda de sua amada?

Antes de qualquer conclusão, devemos compreender que considerar demanda como exigência de satisfações eróticas advindas do objeto é um equívoco. A demanda da jovem frente à Dama é uma exigência de que a amada suporte a cena de uma identificação. É isso que indica a primeira construção de Freud sobre a psicogênese desse caso: a hipótese de uma identificação “viril”. A arte de amar da jovem evoca em Freud uma atitude viril de um amor convencional em que prevalece o desejo de amar sobre a possibilidade de ser amado. A supervalorização do objeto degradado é uma característica particular de escolha do objeto no homem, conforme o que escrevera Freud ([1910] 1969) dez anos antes. Na vida amorosa normal, escreveria ele, o valor da mulher era determinado por sua integridade sexual, sendo rebaixado à medida que se aproximasse das características de uma prostituta. Nota ele, contudo, que existem muitos homens que

consideram tais mulheres objetos de amor de valor inestimável, o que pareceria distanciado da concepção de uma sexualidade normal. As relações amorosas com essas mulheres seriam acompanhadas de um enorme dispêndio psíquico, chegando a consumir todos os outros interesses que o homem possa ter.

Na construção do caso da jovem homossexual, Freud apoiou-se explicitamente sobre seu trabalho anterior. Podemos orientar nossa leitura a partir do momento em que a jovem, advertida da condição de prostituta de sua amada, vai buscar satisfação na fantasia de socorrê-la, salvando-a de sua indigna condição. É, então, por um meio masculino, que a jovem busca completude num objeto ideal feminino. Freud não valoriza a cena de recuperação da Dama na fantasia da sua paciente, na medida em que a identificação que sustentava a fantasia era constituída numa posição masculina.

No tratamento com Freud, chama atenção o fato de que nenhuma elaboração de uma neurose infantil surgisse na transferência. Esse período da vida era recoberto por uma amnésia normal, segundo Freud, a ponto de fazê-lo concluir que o nascimento do caçula, quando a jovem tinha 6 anos, não lhe teria provocado sintoma algum. Foi na época da puberdade, como já afirmara Freud em 1895, que teriam se produzido os processos primários póstumos (Freud, [1920] 1969), fazendo surgir elementos do núcleo sintomático.

Quanto à ausência de neurose de transferência, Freud sustentava que não existia um modelo padrão de cura e que uma reconstrução das posições do sujeito seria possível a partir das etapas sucessivas de manifestações sintomáticas. Devemos considerar que a possibilidade de reconstrução se apoiava na hipótese da universalidade do complexo de Édipo, a partir da análise de sonhos, em referência à transferência.

A história dessa paciente, como todas as histórias encontradas em análise, só pode ser construída a partir de suas falhas e pontos importantes. Na idade de 13 anos, a jovem investiu afetivamente num menino de menos de 3 anos que encontrara na praça, chegando a estabelecer relação de amizade com seus pais.

Para Freud, ela se engaja na resolução do complexo edipiano; ficará dominada por um “forte desejo de ser mãe e de ter um filho” (Freud, [1920] 1969: 167). Se nos precipitarmos, concordando com Freud, podemos não perceber o tempo lógico. Por que o fato de uma adolescente se ocupar de uma criança determina que tenha o desejo de ser mãe? Num esquema elementar, “cuidar de uma criança” deve ser considerado uma mensagem endereçada ao outro, ser vista cuidando de crianças pequenas é uma forma de encenar os atributos femininos, apropriando-se deles. Assim sendo, não se trata de querer ser mãe, mas de encontrar no olhar do Outro uma resposta sobre o mistério da feminilidade. É difícil dizer que somente o desejo unívoco de ser mãe oriente, sem reflexividade, a questão da identificação inconsciente desse sujeito. É mais verossímil supor que essa jovem deva reencontrar o sentimento maternal imerso no campo dialético das identificações. Um elemento biográfico corrobora essa idéia.

Quando o menino ultrapassou os 3 anos de idade, a jovem se desinteressou bruscamente dele, o que também era contemporâneo ao aumento de peso da mãe. Ressaltamos que sua orientação em direção à Dama é diretamente ligada ao nascimento do último de seus irmãos. Que acontecimentos e impasses foram determinantes, que falta foi preenchida nesse reencontro encenado entre mãe e filha para que a jovem orientasse seus investimentos amorosos em direção às mulheres realizadas, como a mãe? Somente três anos após o nascimento do último irmão surgiria a paixão escandalosa. Três anos fora o tempo de latência para a instalação do fantasma. Neste caso, a periodicidade é impressionante: seu irmão menor acabara de atingir a idade do menino do qual ela cuidava. Três anos, segundo Freud, é também a idade em que a criança se depara com a diferença entre os sexos. Poderíamos compreender que a própria jovem era a criança da qual cuidava e que, no momento em que a diferença sexual emerge ao deparar-se com uma criança de três anos, se vê confrontada com o que experimentara na puberdade, saindo em busca de modelos de mãe, até vir a se fixar numa mulher homossexual.

A análise do material analítico, uma série de sonhos entrecortados uns pelos outros, mas cujo conteúdo Freud jamais entregou ao leitor, o levou a propor que a Dama, mesmo não tendo filhos na realidade, assumisse o lugar da mãe. Essa substituição é a saída que a jovem encontra para compensar a relação real que sua mãe mantém com ela. “Pouco havia a fazer com a mãe real”, acrescenta Freud ([1920] 1969: 170). A dificuldade do relacionamento era devida também ao fato de a mãe gostar de seduzir e ser cortejada. Tornar-se homossexual seria uma simples maneira de escapar aos desafios de uma rivalidade entre mãe e filha, pois, ao adotar essa forma de apresentar suas escolhas amorosas, a jovem abandonaria todos os homens à sua mãe.

Sensibilizamo-nos com uma observação de Freud que indica a que ponto a mãe mostrava seus ciúmes, buscando manter um distanciamento entre o pai e a filha, esforço esse que não era referido à lei, interditando uma aproximação virtualmente incestuosa entre pai e filha, mas que viria de uma rivalidade incestuosa entre mãe e filha. Esse “cuidado” permeado por ciúme pode parecer “hipernormal”, mas poderia esconder uma convicção delirante. Seria então possível que a incontestável sedução que a mãe exercia sobre os homens direcionasse a filha para o masculino? Se a mãe não manifestasse tão acentuado ciúme do ser sexual de sua filha, encontraríamos nesse caso uma configuração clássica segundo a qual nem todos os homens estariam reservados a uma só mulher, a mãe. Seria para a jovem a possibilidade de se identificar com um desejo da mãe voltado para outros homens que não o pai. Apesar dos comentários mais comuns do caso levarem a crer que o caminho da identificação foi bloqueado pelo nascimento do último irmão, nos é necessário inquirir se ele não foi muito mais obstruído e barrado pelo ciúme incestuoso da mãe. Pouco mais tarde, Freud sustenta que o que a jovem ama na mulher mais velha assemelha-se a uma condensação. A figura, o jeito e o estilo da amada relembram certos traços do irmão mais velho da paciente: beleza, silhueta e maneiras rudes. A Dama condensa traços femininos e masculinos, seu objeto eleito

apresenta um caráter bissexual, o que Freud considera um fenômeno não raro nas escolhas de objeto dos homossexuais. A reação do pai é o que fixará a posição homossexual da jovem: o desafio. A “homossexualidade” seria o que agruparia e equilibraria todos os complexos familiares da jovem. Neste ponto, Freud dá ao despudor da jovem uma razão que não é a do culto amoroso pela Dama.

A interpretação que ele propõe da posição homossexual seguirá dois circuitos: a paixão pela mulher e o desafio ao pai. Se comprovadas, essas hipóteses levarão a uma conduta bem mais ampla do que considerar a homossexualidade somente como uma histerização na busca da feminilidade ou como satisfação de uma perversão. Por um lado, a jovem não sacrifica completamente seu eu ao falo, não se entrega por completo como objeto à Dama, pois continua a interrogar o falo paterno. Essa dinâmica é muito mais adolescente do que neurótica. Freud subestima talvez o potencial de interrogação e de busca que está em jogo nesse amor. É aqui que o advento de uma posição subjetiva transparece numa encenação que, colocada sob outro enfoque, aponta duas questões essenciais para a instalação do fantasma: “o que é um pai?” e “o que quer uma mulher?”.

O desafio ao pai se resume ao exercício da lei de Talião (Freud, [1920] 1969): decepção por decepção, engano por engano. O engano é o que define as coordenadas do caso e a dinâmica da transferência.

Podemos resumir os pontos centrais da interpretação de Freud: decepção e queda (*niederkommen*). Decepcionada, a jovem cai de muito alto. Mas por que se decepcionara? Freud responde: foi o desejo frustrado do pai de ter um filho do sexo masculino quando ela nascera que afastou dela o desejo de ter um filho, o amor pelo homem e o papel feminino (Freud, [1920] 1969). Assim, só restaria a ela identificar-se com um homem.

Como compreender a tentativa de suicídio? Freud não a reduzirá a um simples ato de chamada ao outro, ele faz disso um autêntico *acting out*, constatando a que ponto suas conseqüências foram favoráveis ao projeto amoroso da jovem. Propõe dois eixos de interpretação do ato que ele nomeia “cumprimento de punição e realiza-

ção de desejo”. Se nos parece clara a dimensão autopunitiva do ato, como é possível discernir a realização de um desejo sexual? Freud concluirá que a tentativa de suicídio significava a vitória do desejo cuja decepção levou a jovem à homossexualidade, ela tombava agora por culpa do pai. O trabalho de interpretação psicanalítica deve inicialmente levar em consideração o caráter equívoco do termo *niederkommen*, que significa tanto “vir abaixo” quanto “dar à luz”. Talvez cair no local onde se dá à luz uma verdade subjetiva.

As interpretações das tentativas de suicídio através de feitos sexuais são, como diz Freud, familiares aos psicanalistas. Ele amplia a significação do termo *niederkommen* através de uma série de exemplos: atirar-se de um lugar alto = dar à luz; envenenar-se = engravidar; afogar-se = reproduzir-se². Apontaremos que o aspecto melancólico dessas tentativas de suicídio não se faz notar, pois parecem reguladas pelo genital e o *penisneid*. Podemos perceber que Freud prioriza o eixo metonímico, ligando o parto ao desejo infantil.

Freud vai além da ressonância da polissemia do discurso manifesto. Durante a cura, apesar de estar atento às “boas razões” que a jovem alega, Freud faz questão de que a tentativa de suicídio seja interpretável como uma resposta. Resposta a esse movimento de destruição das diferenças. A jovem em sua corte à Dama habita o campo do interdito presentificado pelo pai, se tornando masculinizada, desertando radicalmente o local do feminino, deixando-o nu. A jovem transforma em injunção a recriminação muda de seu pai. O olhar furioso e atônito do pai é complementado pela voz da Dama que, ao dar voz ao pai, e ao tornar seu olhar tão onipresente, deixa de ser o suporte do narcisismo da jovem. Essa drástica mudança de enfoque e de lugar gera uma conseqüência devastadora. Mais nada do feminino resta à jovem, faz-se um buraco. Não sobra nenhuma argumentação imaginária para que possa suportar aproximar-se da feminilidade. Ao perder sua imagem, ela vem abaixo, num vazio onde cai, se atira, e se esvazia. A interpretação por Freud do termo *niederkommen* só vem devolver consistência e representação aos desejos edípicos em caráter secundário, pois faz uma ponte sobre o

abismo melancólico onde se atirou a jovem, em afânise, diante da necessidade simbólica de realizar, escondida atrás da declaração de amor, uma declaração de sexuação.

Se num primeiro momento Freud fala somente do “olhar furioso” do Pai, ele não considera que quando a Dama se enfureceu e ordenou à jovem que a deixasse ela sequer sabia quem era esse homem. Poderíamos encontrar aqui uma mudança de direção em nossa análise. O efeito traumático do olhar do pai é um fato inegável, devemos todavia esclarecer em que medida ele o é. Em nossa análise da implosão subjetiva dessa jovem não só ressaltaremos a amplitude da ameaça advinda do pai, mas privilegiaremos a hipótese segundo a qual esse olhar é ameaçador porque ele dá livre curso à fúria da Dama em sua “sentença de morte”. Veremos a seguir em que sentido essa cumplicidade, cimentada pelo efeito surpresa entre o olhar furioso do Pai e a voz raivosa da Dama, é devastadora, justamente porque ela se assemelha para a jovem a uma outra fúria destruidora: aquela que poderia sua mãe alimentar contra ela. Transformar-se em cavalheiro para a Dama, assim como ela tinha assumido o lugar de confidente edificante da mãe, era, para essa jovem, a maneira que tinha de inventar um mito para o que circula entre os homens e as mulheres, mas, também, para ela, entre mulheres e mulheres: o desejo e o sexual. Toda a construção de seu corpo erótico acaba destruída de uma só vez por essa conjunção fatal entre o olhar de seu pai e a fúria da Dama. Estamos aqui na parte mais sensível da aposta do feminino na adolescência. Buscar uma testemunha confiável que possa atestar a validade da separação do sujeito feminino da ira invejosa da mãe. Será esse abandono expresso pela queda (que nem mesmo é um ato, uma queda da psique e do corpo) uma autopunição?

Antes de tudo, é necessário procurar os motivos inconscientes, sem nos contentarmos com a falsa evidência de que toda auto-agressão é autopunitiva. A autopunição, segundo Freud, vingança contra o pai destruidor de seu amor, revela-se uma forma de realizar um desejo de morte contra a mãe. Esta deveria ter morrido no momento

em que deu à luz o filho do qual a jovem foi privada. Soldam-se os selos do nascimento e da morte.

Freud aponta como uma particularidade desse tratamento a ausência manifesta de indícios de resistência interpretáveis. A jovem aceita, com indiferença, as hipóteses e as explicações de Freud. Estar em tratamento, o que ela não buscara, não era fonte de conflito. Contudo, isso não significava ausência de expressão de desejos inconscientes. A posição de cooperação e boa vontade com o tratamento não demonstra uma implicação de seu ser, pois nada do que diz Freud vale o esforço de concordar ou recusar. Em casos como esse, em que a resistência torna-se “invencível”, costumava-se recorrer à hipnose. Freud indagava-se se haveria transferência em relação a ele, até o momento em que compreendeu: o que a jovem transferia era a recusa radical do homem, transpunha para ele os efeitos da decepção em relação ao pai. Incapaz de mobilizar os indícios de uma transferência positiva, Freud decidirá pôr fim ao tratamento, recomendando que ela o continue com uma mulher.

Entretanto, ocorreram, pouco depois do início do tratamento, indícios de uma transferência positiva, segundo os próprios termos de Freud. A jovem trouxe-lhe uma série de sonhos, todos relativos ao que poderia ser sua vida num futuro próximo, cuja temática contrastava com o relato consciente que ela fazia de seu projeto de vida. Por exemplo, o sonho que expressa o desejo nostálgico de ser amada por um homem e ter filhos com ele. Contudo, Freud acreditava que esses sonhos eram produzidos para induzi-lo ao erro, o desejo de sua paciente era enganá-lo, assim como a seu pai. Ele indicava que havia certa sedução nessa farsa. O que era considerado sedução? Nada além de uma forma de completar o desejo de enganar, outra face do desejo. Através do exercício da sedução, a jovem paciente apenas pretendia decepcioná-lo mais.

Encontramos aqui uma configuração clássica da histeria, a cujo serviço está a intenção proveniente do pré-consciente de induzir o analista a erro. Na transferência, Freud coincide com o lugar dado ao pai imaginário. A transferência da jovem demonstra ser apenas uma repeti-

ção e não a condição de instauração de outra cena. Seria possível ousar aventar a hipótese segundo a qual Freud não seria capaz de deslocar essa coincidência excessivamente precisa entre ele, o analista, e o lugar do pai da paciente na realidade? Inclusive porque sabemos da aptidão que tem a paciente para condensar em uma só pessoa traços heterogêneos que lembram os laços edípianos, tanto em relação aos parentes, quanto com seu irmão mais velho. Arrastar a sedução na direção do engano e reduzir o desejo de enganar a um conteúdo pré-consciente seria não reconhecer o papel propulsor da sedução no fantasma. Seria um excesso de prudência da parte de Freud ou dificuldade, nesse caso, em abordar o que ele mesmo formula sobre a adolescência?

Queremos, por fim, localizar os marcos indicados por Freud acerca da elaboração psíquica do período da puberdade, a fim de determinar o que entendemos por instalação do fantasma na adolescência. “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (Freud, [1920] 1969) contém quatro afirmações sobre o período da puberdade: 1) a jovem encontrava-se em fase de reconstituição pubertária do complexo de Édipo infantil até sofrer a decepção; 2) os deslocamentos da libido, no caso da neurose, situam-se na idade da tenra infância; enquanto na jovem, que segundo Freud definitivamente não é mais neurótica que qualquer um, ocorreram nos anos seguintes à puberdade, de forma inconsciente. Freud se interroga se o fator cronológico seria de fundamental importância nesse caso. Esta segunda afirmação poderia abrir caminho para uma teoria segundo a qual o pubertário tornar-se-ia, após o infantil, o segundo paradigma determinante dos destinos da libido; 3) a equiparação da paixão amorosa da jovem com as paixões muito frequentes na puberdade, como a “admiração de um jovem por uma atriz célebre, a quem considera estar em plano muito mais alto do que ele e para quem mal se atreve a levantar os acanhados olhos” (Freud, [1920] 1969: 172). Cenografia precisa do eu ideal; 4) os impulsos homossexuais e amizades excessivas muito impregnadas de sensualidade que se estabelecem desde os primeiros anos de puberdade são condutas totalmente comuns.

Nada indica que Freud tenha desejado nessa ocasião modelar uma teoria da puberdade. Como todo bom médico, ele não adentra uma leitura psicopatológica da crise pubertária. A figura do adolescente apaixonado é, aliás, um estereótipo literário, mas é também uma conduta excessiva percebida desde o início da psiquiatria (os estragos da “paixão amorosa dos jovens” em Pinel ou Esquirol). A originalidade de Freud não está na conjunção entre puberdade e paixão, mas no estudo da estrutura e da função dessa paixão. Se a puberdade é entendida como o tempo no qual flamejam novamente as coordenadas do complexo de Édipo infantil, é com muita dificuldade que se extrairia um perfil próprio. A dificuldade que haveria em tentar retirar desse texto de Freud uma teoria da adolescência provém não somente do aspecto pontual que toma o pensamento de Freud, mas também dos paradoxos e apostas contidas nessas proposições cheias de lacunas. Ora, ou a puberdade traz a infância de volta à cena ou é necessário um remanejamento metapsicológico para dar conta dos novos processos psíquicos! Essa questão permaneceu indefinida para Freud. Ele afirmou também que a jovem era paradigmática de uma adolescência normal, pelo menos por duas razões: 1) pela capacidade de entrar em uma paixão, 2) pelo aspecto inconsciente dos deslocamentos de libido que não repetem os da infância. A crise psíquica adolescente e a cena pubertária (retomando a expressão de P. Gutton) tornam-se momentos que orientam de forma original a vida psíquica normal.

Se o infantil permanece para Freud como o paradigma do inconsciente, a adolescência constitui-se como um tempo nodal de remanejamento psíquico e não uma simples reprodução da neurose infantil. Freud já havia introduzido essa idéia em 1909 (1969), através de observações peremptórias acerca da organização metapsicológica típica da adolescência em “Notas sobre um caso de neurose obsessiva: o homem dos ratos”.

Se não é nosso desejo extraviarmo-nos, em nosso julgamento, de sua realidade histórica, precisamos, sobretudo, ter em mente que

as “lembranças da infância” das pessoas somente se consolidam num período posterior, comumente nos anos de puberdade, e lembrar que isto envolve um complicado processo de reformulação, perfeitamente análogo ao processo pelo qual uma nação constrói lendas sobre sua história primitiva. Logo se torna evidente que, em suas fantasias sobre sua tenra infância, o indivíduo, à medida que vai crescendo, *procura apagar a recordação de suas atividades auto-eróticas*, e o faz exaltando seus traços de memória até o nível do amor objetal, do mesmo modo como um verdadeiro historiador verá o passado à luz do presente. Isso explica por que nessas fantasias há abundância de seduções e atentados, onde os fatos foram limitados a atividades auto-eróticas e às carícias e punições, que os estimularam. Ademais, torna-se nítido que, no processo de construção de fantasias sobre sua infância, o indivíduo *sexualiza suas lembranças*; quer dizer, conjuga as experiências banais de uma relação com sua atividade sexual, ampliando até elas o seu interesse sexual – embora assim procedendo esteja provavelmente seguindo as pistas de uma conexão que realmente existe. Alguém que se recorde de minha “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” não necessitará que lhe digam não ser minha intenção, nestas observações, diminuir a importância que até agora tenho ligado à sexualidade infantil, reduzindo-a a nada mais que interesse sexual nos anos da puberdade. Simplesmente desejo dar alguns conselhos técnicos que possam auxiliar no esclarecimento de uma categoria de fantasias destinada a falsificar o quadro da atividade sexual infantil (Freud, [1909] 1969: 180-181).

“Processo pelo qual uma nação constrói lendas sobre sua história primitiva” é uma analogia que determina as questões do trabalho psíquico na adolescência. A consistência de tal trabalho resultaria da capacidade do adolescente de transformar em ficção o corpo pulsional e poder, através da fabricação de uma “lenda” sobre sua própria origem, responder ao enigma da invasão do sexual genital. Daí a propensão a dar sentido à sexualidade através da produção de fantasmas de agressão ou sedução.

O adolescente se inquietaria também acerca do que circula entre os homens e as mulheres, de geração em geração. A sexualização do material psíquico leva a formular o porquê de sua inserção (e portanto de sua divisão) na genealogia. Se o trabalho psíquico do adolescente abre possibilidades de mudança (ou de entrada definitiva na patologia), é porque, como todo trabalho psíquico, se organiza em operações de corte e ligação: o adolescente inventa e experimenta montagens de um novo modo de relação com o objeto *a*, com o falo e com o Outro.

Freud nos dá algumas indicações. Ele acredita que a atividade fantasmática tem por finalidade afastar a potência do gozo pulsional de exterminar a diferenciação e a história do sujeito. O fantasma faz uma ponte entre a pulsão e o desejo. É o princípio autoterapêutico que, na conjugação pulsão e desejo, regula o campo de gozo do sujeito. Em termos mais freudianos, teremos a proposição subsequente: o adolescente é levado a fantasiar, deixando de lado o auto-erotismo infantil, que não é abandonado completamente pelo adolescente, permanecendo ameaçador. Ameaça contra a qual o incesto, enquanto ficção, faz barreira. A partir daí, outra possibilidade de leitura da cena do engano e da mentira na adolescência se nos abre, cena essa que, vale lembrar, no caso da jovem homossexual, é particularmente insistente, mas é também precisamente relacionada com o problema da direção de um tratamento. Freud estabelece que quanto menos o psicanalista tiver clareza acerca da vida fantasmática na puberdade, mais obstáculos encontrará para interpretar e “solucionar” os fantasmas destinados a falsear a imagem da atividade sexual propriamente dita.

Por que Freud em momento nenhum colocou à prova o *saber-fazer* com a adolescência, mesmo indicando que a conduta sintomática da jovem expressa um clamor púbere? Se, em 1909, Freud considera que o engano é o sinal necessário de uma passagem lógica para que o adolescente possa jogar com a categoria do semblante e expulsar a ameaça de ver seu corpo tornar-se o falo ou o objeto parcial, ele não parece compreender o alcance de seu ensinamento: é como se ele perdesse de vista a função do engano na adolescência. E

é precisamente nesse ponto de técnica psicanalítica, que resulta de uma estimativa errônea da função da mentira e do engano adolescente na cura, que Freud coloca um fim no trabalho psicanalítico com a jovem homossexual. Apressadamente, refere-se à resistência que o engano gera, acreditando não ser mais possível a análise.

Mas não seriam a precocidade e a violência da interpretação que Freud deu à dimensão do engano (engano que tinha êxito nos sonhos de sua paciente) que conferiam à resistência dela sua aparência “invencível”? Se, todavia, Freud manifesta dentro da contratransferência um reconhecimento da existência de um trabalho de subjetivação em sua paciente, esse reconhecimento não é transportado para a situação psicanalítica. Silencia-se o fato de que um sonho se orienta não somente pelas dimensões pré- conscientes, mas também guarda uma cena fantasmática interpretável, que pode exibir seus enigmas e coordenadas dentro da dinâmica transferencial. Nessa cura, o engano não pode ser transformado em história. A jovem será privada de encontrar as motivações de seus enganos, pois são muito rapidamente colocados na problemática histórica: enganar para seduzir, seduzir para enganar. “Mas ainda acredito que, além da intenção de desorientar-me, os sonhos parcialmente expressavam o desejo de conquistar meu favor, eram também uma tentativa de ganhar meu interesse e minha boa opinião, talvez a fim de, posteriormente, desapontar-me mais completamente ainda” (Freud, [1920] 1969: 176).

Em seguida, a resistência de Freud ao reconhecer-se na mesma posição que o pai da jovem, mesmo impasse que ocorrera com Dora, não permite a percepção da questão simbólica que a jovem tenta vivenciar com ele: ela dá ao psicanalista a chance de apreender um encontro possível com o que está além do imaginário do engano; algo que não pode revelar-se com seu pai, exageradamente envolvido com sua própria imagem social. Ela tenta articular seu ser (não seus sintomas) com a cadeia simbólica, isto é, no lugar de um Outro que se mantém forte diante do engano. A frustração dessa procura não se deve ao fato de ela desejar guardar em si uma insatisfação

protetora, isto é, essa procura não é um desejo que se alia à insatisfação para manter-se como desejo. Essa procura é uma demanda de resposta simbólica, que, como toda demanda, pressupõe, senão uma interpretação, ao menos um apoio, um acolhimento. Nesse aspecto, seu pai a abandonara³.

A aliança secreta entre seu pai e a Dama colocava em ebulição a cena fantasmática. Devido à queda do fantasma, o significante *niederkommen* é liberado da cadeia significante. Não sendo mais sujeito para um significante, ele passa a ser agente estimulador da passagem ao ato. A jovem perde os meios de brincar com o pai assim que é identificada com o registro do engano, interpretado por Freud como uma resistência invencível. Ao se jogar para fora do quadro da fantasia, ela retoma o interesse do outro e seduz.

No presente caso, por exemplo, uma jovem desenvolve uma adoção sentimental por mulheres, que os pais a princípio acham vexatória simplesmente, e raramente tomam a sério; ela própria sabe muito bem estar muito ocupada com essas relações, porém ainda experimenta poucas das sensações de amor intenso até que uma frustração específica é seguida por uma reação bastante excessiva, que mostra a qualquer um interessado que elas têm algo a ver com uma paixão consumidora de força elementar (Freud, [1920] 1969: 177).

Esse é o único momento no texto em que Freud utiliza o termo “frustração”, que ele relaciona à paixão.

Lacan, mais tarde, entre 1956-1957 (1995), retomará sua leitura do caso a partir dessa observação de Freud. Entretanto, antes de entrar no comentário e no deslocamento que dará ao texto de Freud, Lacan assenta as bases de uma definição da noção muito evidente de frustração. Ele visa refundir a problemática da relação de objeto para pensar as estruturas freudianas, por um lado, e a direção do tratamento, por outro. Como se processa o Terceiro, em uma relação inocentemente colocada desde o início como dual, ou seja, relação mãe-filho? Lembramos que o *Seminário IV* de Lacan ([1956-1957]

1995), *A relação de objeto*, organiza a compreensão lógica da categoria da falta, sob a tripartição em frustração, castração e privação, respectivamente definidas como: falta imaginária de um objeto real; falta simbólica de um objeto imaginário; falta real de um objeto simbólico.

O registro simbólico só é ligado à castração e à privação; exclui-se, portanto, a frustração. Esta não pode e não saberia ser realizada como tal pelo sujeito. Ela é um momento que se esvai que é extremamente instável na construção da relação do objeto com o Outro: é uma plataforma giratória. Para o psicanalista, interpretar uma frustração não significa absolutamente nada, enquanto não for estabelecido o plano na qual ela se realizou, a saber, o da castração ou o da privação. É a partir do envolvimento narcísico do sujeito em um dos registros que se torna possível deduzir que um tempo de frustração ocorreu. Tempo necessário, no qual apenas a dádiva e o Outro estão em jogo em torno de uma potencialidade da demanda.

É notável – mas raramente percebido, ou freqüentemente evitado – que Lacan não acentue somente uma definição da frustração dada pela falta imaginária de um objeto real; sua concepção é mais radical: ele a concebe como frustração da demanda. O que dizer? Não que o Outro se recuse a dar ao sujeito o objeto desejado, mas que o aspecto irredutível – e por isso eternizado, senão estável – da frustração provém do fato de que o sujeito não é compreendido e reconhecido como apresentando uma demanda. Situada dessa maneira, a frustração seria o nome da cena de onde o Outro vem se ausentar à demanda insistente que o sujeito lhe faz. Dessa maneira, o que está em jogo é menos o objeto do que o amor de quem pode lhe dar. O objeto da frustração é menos o objeto do que a dádiva (Lacan, [1956-1957] 1995). Essa afirmação tem uma consequência: o destino do objeto é menos importante do que o da demanda. A ligação do sujeito ao objeto exprime-se pelas reivindicações, e a do sujeito à demanda, pelo engano.

Tanto no caso Dora como no da Jovem, encontramos essa construção tripódica: o pai, a paciente e a outra mulher. Existe, entre os

dois casos, uma diferença, que não está na forma como a outra mulher é introduzida, similar nos dois casos, mas sim na ligação entre a expressão de poder e a figura do pai. Para Dora, a estrutura e a queixa histérica enlaçam-se em torno da representação da impotência do pai. Seria a razão da fixação edipiana histérica de Dora. Para a jovem homossexual, o prejuízo viria do fato de que a potência fabricou uma criança, dada à rival.

O conceito de frustração, por permitir separar a ordem da castração da ordem da privação, abre as portas ao conhecimento da diferença estrutural entre a jovem e Dora. A frustração não opera no mesmo tempo lógico para uma e para a outra. Lacan explica que a entrada da filha no Édipo se significa por uma demanda de um filho ao pai, acontece para ser compreendida e recusada. A decepção que se segue orienta o tornar-se mulher da filha.

Parece, então, que o tempo lógico que articula a questão subjetiva da jovem é o da adolescência e não aquele da fase edipiana. Ora, tanto para Freud como para Lacan ([1956-1957] 1995) no *Seminário IV*, a adolescência da jovem parece bem assentada. Ela não pára de prestar seus cuidados às crianças e o menino que elege não é o que foi dado à mãe. Freud não tinha outras escolhas possíveis na resolução da frustração que uma dupla identificação, em que os componentes se separam no momento da passagem ao ato. Seja no plano da identificação ao pai que se realiza nos simulacros do amor cortês, seja numa identificação ao menino que precipita em uma passagem ao ato (*niederkommen*). No tempo do *Seminário IV*, Lacan ([1956-1957] 1995) não havia ainda criado sua teoria sobre o gozo e o gozo do Outro, que lhe ocorreu a partir do gozo dos místicos e das teologias (em particular a de F. de Salles). Ele menciona o objeto feminino fazendo deste um espelho identificatório e uma fonte de atração para o desejo masculino, uma metáfora deste desejo. Ao mesmo tempo, Lacan adianta que o que a jovem quer da Dama situa-se para além desta, ou seja, o falo. Ele não havia ainda constituído sua teoria da exceção feminina, o que surge de forma privilegiada em seu *status* discursivo no amor cortês, mas aponta, sem articulação ainda, a dimensão do gozo do Outro.

No *Seminário IV*, Lacan ([1956-1957] 1995) utiliza a lógica da paixão amorosa no amor cortês com o objetivo de traçar um modelo de clínica da paixão amorosa da jovem. A analogia será consistente e talvez comprobatória da hipótese de perversão avançada. E é com muitas precauções que Lacan evocará a clínica da perversão para robustecer o contraste entre a jovem e Dora. A vantagem em propor um contramodelo para a perversão reside em não reduzir o caso a uma patologia histérica.

Hoje em dia, sem ignorar as diversas hipóteses em voga a respeito da identidade da jovem homossexual, preferimos nos ater a uma leitura estrutural do modelo proposto. O fato de situar novamente essa jovem como paradigma da adolescência nos situa em uma determinada via. A perversão não seria, aqui, uma estrutura constituída, seria um momento de constituição da relação do sujeito com o feminino. Momento lógico na orientação do fantasma. Em relação ao restante, o que Lacan ([1959-1960] 1986) desenvolverá posteriormente em relação ao amor cortês –, mais especificamente no *Seminário VII, A ética da psicanálise*⁴, é rico em ensinamentos e surpresas.

É verdade que nesse *Seminário VII* Lacan ([1959-1960] 1986) utiliza o amor cortês não para assentar sua leitura de uma perversão, mas sim como paradigma da sublimação. Para Lacan ([1956-1957] 1995), o amor cortês é uma forma exemplar de um paradigma da sublimação. É possível, então, se apoiar nesta nova configuração da paixão amorosa dentro do amor cortês, a fim de não mais discutir o caso da jovem homossexual, escolhendo se ela é mais uma histérica ou uma perversa. Mesmo assim, esse terceiro paradigma não convém por completo, pois a escolha de objeto feita pela jovem surge conforme o inestimável objeto do amor cortês: a conjunção entre a Mulher e a Coisa. Contudo, o estilo adotado pela jovem está muito distante daquele dos heróis do amor cortês, pois não se estrutura nem pelo segredo nem pela inacessibilidade da Dama, que não tem nada em comum com o que cantam os trovadores, lugar vazio, sem substância real, ponto evanescente destinado a criar o ser do amante.

A leitura do *Seminário VII* (Lacan, [1959-1960] 1986) decerto não nos autoriza a positivar mais além o modelo do amor cortês. A analogia do laço entre o feminino e a Coisa, a erótica da sublimação que aí se inscreve, oferece-se para precisar mais uma teoria da vida fantasmática tal qual ela se atualiza na adolescência.

A adolescência é para essa jovem o momento e a ocasião de apreender com uma estrangeira um saber sobre o feminino, o que foi impedido na relação com a mãe. É colocando em jogo o quarto personagem, a mãe, no meio das composições triangulares da jovem, seu pai e a Dama, que situaremos um outro espaço para as insígnias do feminino. A mãe, longe de ser uma figura secundária, é muito presente, pois ela mantém suspensa a questão acerca da feminilidade para a jovem. Esse outro espaço, do feminino cativo e capturado, esteve sempre presente nos bastidores das cenas em que a jovem ama, provoca e passa ao ato. Esse espaço não é uma aquisição, mas um lugar de invenção possível, de uma passagem e de aposta. Aposta de conferir ao feminino uma consistência de ser. Haveria outra forma para a jovem de tocar esse lugar que não fosse pelo desafio, histérico ou perverso? Não sabemos. Somente podemos esperar que seu percurso tenha nos apontado que o feminino é da ordem da invenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freud, S. (1900/1969). A interpretação dos sonhos. *Obras completas, ESB*, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1909/1969). Notas sobre um caso de neurose obsessiva: o homem dos ratos. *Obras completas, ESB*, v. X. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1910/1969). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). *Obras completas, ESB*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1919/1969). Uma criança é espancada. *Obras completas, ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.

- . (1920/1969). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1921/1969). Psicologia de grupo e análise do ego. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1956-1957/1995). *O seminário, livro 4, As relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- . (1959-1960/1986). *Le séminaire, livre 7, L'Éthique de la psychanalyse*. Paris: Le Seuil.

NOTAS

- ¹ Título em francês: La jeune homosexuelle de Freud nous renseigne-t-elle sur ce qu'est l'adolescence au féminin?
- ² Freud, em uma carta ao pastor Pfister, datada de 18 de março de 1909, diz que devido à ligação indissolúvel que une a morte à sexualidade, a mulher que deseja liberar-se da vida somente poderá fazê-lo pela via da produção simbólica de um fantasma sexual: ela entra na água, isto é, ela se reproduz; ou, ela se atira de uma altura, isto é, ela dá à luz... (a palavra alemã *niederkommen*, literalmente “vir abaixo”, significa ao mesmo tempo “descer” e “dar à luz”).
- ³ NT: no original, “laisser tomber”, que significa ao mesmo tempo “abandonar” e “deixar cair”.
- ⁴ Lacan consagra mais especificamente três sessões ao amor cortês, entre 27 de janeiro e 10 de fevereiro de 1960.

Recebido em 15 de março de 2008

Aceito para publicação em 21 de abril de 2008